

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

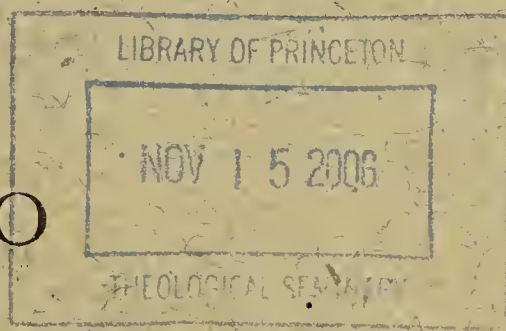
Revista Internacional do Espiritismo

LAP

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :
CAIRBAR SCHUTEL

(De 1925 a 1938)



SUMÁRIO

Comemorando uma data	<i>Redação</i>
Concordância e Discordância	<i>Deolindo Amorim</i>
Deus e Universo	<i>Henrique Rodrigues</i>
A Ciência impõe silêncio ao Materialismo	<i>V. O. Casella</i>
Memórias de um Espírita Baiano	<i>Leopoldo Machado</i>
Espiritismo : Doutrina Coletiva dos Espíritos	<i>Prof. Carlos Peppe</i>
Livros e Autores	<i>Leopoldo Machado</i>
Aos Militares Espíritas	<i>Mauricio</i>
Crônica Estrangeira	<i>Redação</i>
Espiritismo no Brasil	<i>Redação</i>

Um Verdadeiro Tesouro

O confrade deseja conhecer a vida de um dos mais destacados Apóstolos do Cristianismo ou do Espiritismo ? Então leia «UMA GRANDE VIDA».

Trata-se de uma obra em que o seu autor, Prof. Leopoldo Machado, um dos mais esforçados trabalhadores da seára espírita, narra a vida de Cairbar Schutel desde a sua infância até os seus últimos momentos de vida terrena. Lendo-a, vereis os traços característicos de um verdadeiro cristão : fé, renúncia, perseverança, amor fraterno e estoicismo nas lutas. Lendo-a, repetimos, encontrareis fôrça, estímulo e coragem para enfrentar e vencer as lutas, conquistando também um lugar de destaque na vanguarda do véro cristianismo, o que significa a obtenção da verdadeira felicidade, tesouro das nossas principais cogitações.

Leia pois, «UMA GRANDE VIDA».

— A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço : cr.\$ 45,00 e mais três cruzeiros para o porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

Obras mediúnicas recebidas pelo
médium Francisco C. Xavier

Reportagens de Além-Túmulo
Brasil, Coração do Mundo
Parnaso de Além-Túmulo
Cartilha da Natureza
A Caminho da Luz
Coletâneas do Além
Paulo e Estevão
Pontos e Contos
Alvorada Cristã
No Mundo Maior
50 Anos Depois
O Consolador
Gotas de Luz
Pão Nosso
Emmanuel
Voltei
Luz Acima
Libertação
Vinha de Luz
Jesus no Lar
Volta Bocage
Há Dois Mil Anos
Novas Mensagens
Missionários da Luz
Palavras de Emmanuel
Instruções Psicofônicas
Entre a Terra e o Céu
Obreiros da Vida Eterna
Crônicas de Além-Túmulo
Caminho, Verdade e Vida

TODAS ESTAS OBRAS ACHAM-SE À
VENDA NA LIVRARIA «O CLARIM»
Caixa Postal, 11—MATÃO—E. S. Paulo

Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANIMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR : *José da Costa Filho* ≡ REDATOR : *A. Watson Campêlo*

GERENTE : *Antonia Perche da Silveira Campêlo*

Redação : Av. 28 de Agosto, n. 301 Oficinas : Rua Rui Barbosa, n. 673

COMEMORANDO UMA DATA

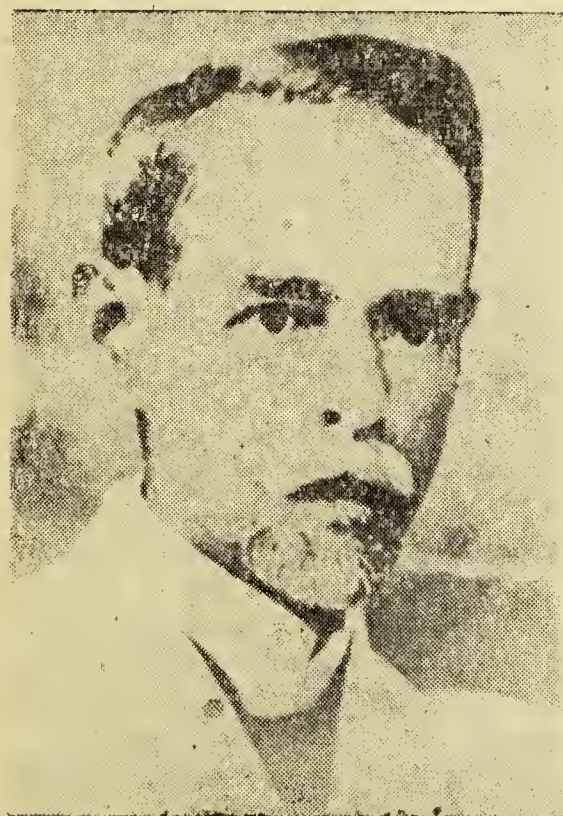


vinte e dois de Setembro nos trás gratas recordações. E' que o nosso querido companheiro Cairbar Schutel completaria nesse dia

mais um aniversário natalício se estivesse ainda no plano terreno, 88 anos de idade. E, como sempre, receberia o abraço congratulatório dos seus companheiros de trabalho, confrades e amigos. Esse abraço traduziria os nossos sentimentos afetivos e o nosso pensamento fraterno com votos de felicidade, está claro. Mas se não podemos abraçar o seu corpo físico, podemos entretanto faze-lo com o pensamento, que é a linguagem do espírito, almejando-lhe felicidade e progresso no mundo espiritual. E é o que estamos fazendo com o presente escrito, que é ao mesmo tempo o fruto da nossa homenagem a um dos espíritas da velha guarda que mais trabalharam pela propaganda da Doutrina Espírita.

Efetivamente, Cairbar Schutel, a exemplo dos Apóstolos de

Jesus, deu tudo o que possuía para a Doutrina Espírita, que é a revivificação do Cristianismo, pon-



CAIRBAR SCHUTEL

do acima dos seus interêsses materiais, terrenos, os interêsses da Doutrina, o que raramente se observa

hoje, pois a corrida atrás de bens terrenos chegou ao ponto de contagiar até os ardorosos trabalhadores, com raríssimas exceções. Os bens materiais, mundanos, são, de fato, o maior obstáculo a impedir aos cristãos a obtenção definitiva do reino de Deus. Estão estes representando o papel daquele moço rico do Evangelho, que afirmava ter cumprido os mandamentos da Lei, mas que se retirou entristecido quando Jesus o mandou repartir os seus bens entre os pobres para depois segui-lo. Ele preferiu deixar de seguir o Mestre do que deixar os seus bens terrenos. Mas Cairbar renunciou seus bens terrenos para seguir Jesus, amparando os pobres, os enfermos, iluminando com o seu saber os ignorantes

relativamente às cousas do espírito e consolando os aflitos.

As lutas que Cairbar enfrentou para difundir a Doutrina foram vencidas, e o seu sacrifício foi fartamente recompensado com o progresso notável do Espiritismo, que marcha admiravelmente, a passos de gigante, superando em muito a nossa expectativa, os nossos melhores prognósticos.

Ao caro companheiro, as nossas homenagens, num culto de veneração e amor, pelo transcurso de mais um seu aniversário natalício, solicitando-lhe que nos ajude a vencer também a dura batalha em que estamos empenhados pela vitória do Cristianismo, à luz do Espiritismo, o Paracleto da Promessa.

Concordância e Discordância

(A propósito do livro «Fulguraciones del Pensamiento Espiritista», de William Colon).

V—O ESPIRITISMO E O EVANGELHO

Na opinião do escritor William Colon, opinião que eu respeito, mas não subcrevo, Jesus é um mito, nunca existiu. Neste particular, como se sabe, William Colon não está sosinho, porque outros intelectuais também não acreditam na existência de Jesus. Nosso Confrade navega nas águas de Bossi e outros autores da mesma corrente de idéias. A figura de Jesus tem sido, realmente, muito discutida através dos tempos, e ainda hoje é objeto de controvérsias. Note-se, porém, que alguns autores de maior projeção no campo literário e religioso fizeram críticas muito sérias e minuciosas à obra do excelso nazareno, mas as discordâncias se prendem geralmente ao aspecto chamado divino ou sobrenatural de seus ensinamentos. Há dois extremos, e todo extremo pode levar a posições falsas: de um lado, e por influência de exageros teológicos, há quem chegue a dizer que *JESUS É O PRÓPRIO DEUS*, como se nêle nada hou-

vesse de humano, de natural; do outro lado, no extremo oposto, há quem veja em Jesus um tipo vulgar, sem qualquer expressão de grandeza espiritual. As opiniões são as mais divergentes: Jesus nunca existiu, na opinião de alguns; Jesus é Deus, no entender de outros; Jesus não passava de um maníaco ou vesânico, segundo o ponto de vista de outros; Jesus seria, hoje, um caso de psiquiatria, no dizer de outros; Jesus foi apenas um revolucionário social e nada mais, segundo o prisma de outros, e assim por diante... Seja como fôr, Jesus existiu, é uma realidade histórica.

Os maiores críticos da vida de Jesus firmaram as suas opiniões sobre o método científico ou sobre as premissas do racionalismo, então no esplendor das discussões religiosas. É o caso de Renan, Strauss, Loisy, por exemplo. David Frederico Strauss foi padre, chegou a ser professor de seminário, mas terminou inconformado com os dogmas de sua Igreja. Depois de muitos anos, Strauss embre-

nhou-se na crítica e terminou por negar a divindade atribuída a Jesus, cujos atos haviam sido obscurecidos pela lenda, pelo sentido milagroso e sobrenatural com que a Igreja os interpretara. Strauss publicou, como é notório, dois livros considerados demolidores, para uns, e louvados como reconstrutores, para outros: *A Vida de Jesus* e *A Velha e a Nova Fé*. Convém observar, entretanto, que Strauss não negou a existência de Jesus, mas rejeitou fortemente o carácter sobrenatural dos fatos narrados pelos evangelistas.

Palavras do próprio Strauss: *E', certamente, dura e ingrata a missão de dizer ao mundo o que êle exatamente gosta menos de ouvir. Logo adiante: Há quarenta anos, antes do aparecimento da «Vida de Jesus», começava a despontar entre os pensadores teólogos a idéia de que, efetivamente, o sobrenatural não podia haver marcado todos os atos de Cristo como no-lo relatam os evangelhos e até então a Igreja acreditou, mas que as interpretações dos comentadores racionalistas não eram mais aceitáveis. Depois, apareceram aqui e ali as dúvidas sobre a origem apostólica dos evangelhos, e sobre o caráter realmente histórico das suas narrativas. E agora, o trêcho seguinte, para que se compreenda a posição de Strauss na momentosa discussão religiosa: E todavia, quando eu reuni todos êsses fragmentos de pensamentos, quando os dei a público, demonstrando que as narrativas dos evangelhos não eram apostólicas e nem históricas; que os milagres que relatam pertencem à lenda, e não à história, que, na realidade, enquanto a Jesus tudo se passou consoante a ordem natural, ainda que pouco conheçamos dos fatos particulares; quando, enfim, provei tudo isto na minha «Vida de Jesus», então um grito de espanto se soltou do peito dos velhos e dos novos e o nome do autor tornou-se «o santo e a senha de todos os atos malditos». (1)*

Observe-se, aí, que Strauss aceita a historicidade de Jesus, em pessoa, quando diz que **TUDO SE PASSOU CONSOANTE A ORDEM NATURAL**. Afastada a controvérsia sobre o aspecto sobrenatural, Jesus não é um mito, portanto, e as críticas de Strauss não chegaram ao extremo de negar a existência daquele que foi e é o maior exemplo de bondade. Se, por um lado, Strauss combateu os ortodoxos, também é certo que, por outro

lado, não seguiu as pegadas dos *liberais*, também contrários à sobrenaturalidade dos atos de Jesus, mas filiados a outra orientação. Havia, na época, duas correntes principais: a *ortodoxa* e a *liberal*. Toda a discussão, porém, se fixava, por meios diferentes, no ponto central da discussão: a explicação sobrenatural dos fenômenos ocorridos com Jesus. Não estava em jôgo a presença humana de Jesus. Strauss procurou ater-se aos argumentos históricos e científicos para impugnar os chamados «milagres» e a divindade da pessoa de Jesus. A obra de Renan, que foi considerado *heresiarca*, bandeou-se para a corrente liberal, mas o intuito é o mesmo: criticar o aspecto sobrenatural dos «milagres». Dizia Ernesto Renan: *Não é, pois, em nome desta ou daquela filosofia, é em nome da constante experiência, que lançamos da história o milagre. Não dizemos: «O milagre é impossível». Dizemos: «ainda não houve um milagre certificado. Apareça amanhã um taumaturgo com bem sérias garantias para ser discutido; suponhamos que se anuncia com poderes para resuscitar um morto. Que é que se faria? Seria nomeada uma comissão composta de fisiologistas, de físicos, de químicos, de homens práticos na crítica histórica. Continua Renan: Até nova ordem, ater-nos-emos, portanto, a êste princípio de crítica histórica, que uma notícia sobrenatural nunca pode ser admitida como tal, que implica sempre credulidade ou impostura, que o dever do historiador é interpretá-la e averiguar qual a parte de verdade, e qual a parte de erro que ela pode conter. (2) Daí para a negação da historicidade de Jesus vai muita diferença. (Notemos, a propósito, que Renan, Strauss, Flammarion e tantos outros estudaram em seminários católicos, mas o espírito analítico incompatibilisou todos êles com os dogmas da Igreja). Apesar de sua posição notoriamente conhecida na controvérsia histórico-religiosa sobre a pessoa e os atos de Jesus, Renan colocou-se dentro do ponto de vista humano, tendo-se insurgido apenas contra a sobrenaturalidade ensinada por muitos teólogos. Lá está, por exemplo, na parte final da *Vida de Jesus*, de Renan: *Alcemos, pois, a pessoa de Jesus ao apogeu da grandeza humana. Vê-se, pois, que nenhum dos críticos mais ríginosos e revolucionários dêsse tempo negou a realidade da e-**

xistência de Jesus, apesar de todos êles terem feito sérias e minuciosas restrições à interpretação dada aos fatos, tanto pela Igreja Católica, como também pelo Protestantismo. Dizer, porém, que Jesus não existiu é uma coisa; *PROVAR*, com base na História e na crítica, que realmente Jesus é um mito é outra coisa. Quem o provou até hoje? Ninguém. Há muitos trabalhos de erudição, muito sofisma, muita dedução pessoal, mas tudo isto fica no terreno da matéria opinativa, não é argumento provado.

O fato de uma figura histórica ser discutida, tenha ela a auréola de santo ou de martir, seja guerreiro ou artista célebre, não quer dizer que essa figura não tenha existido em pessoa. Jesus tem sido apreciado através de prismas muito diversos. Já no século XVIII, com espanto de muitos tradicionalistas, Reimarus considerava Jesus apenas *um chefe de judeus revoltados!*, destituído, portanto, de todo o esplendor espiritual de sua grandiosa missão. É uma opinião puramente individual, e por isso não forma corpo. Não é de admirar outrotanto que um teólogo protestante, e dos mais eminentes, como Albert Schweitzer, não tenha concordado com o *messianato* de Jesus. Digamos de passagem que Schweitzer figura, hoje, entre as maiores eminências morais dêste século: é um homem cujo apostolado está repercutindo no mundo inteiro, sobretudo porque, tendo deixado as comodidades da vida européia foi embrenhar-se na África para ter uma vida mais cristã, ao lado de populações obscuras; já era doutor em Filosofia, por uma Universidade da Europa, músico notável, teólogo, mas ainda não se deu por satisfeito, e foi estudar Medicina, depois de homem feito, para ser mais útil ao próximo, lá nas selvas africanas, onde realmente vive, já no ocaso da existência física, respeitado e admirado por todos quantos prezam a nobreza dos bons exemplos. Schweitzer ficou como que saturado de esplendor da civilização européia, sentiu que, no meio de tantos técnicos, tantos homens ilustrados, a sua presença não seria tão necessária, tão útil como entre as tribus africanas mais necessitadas de assistência material e espiritual. Fez-se médico, preparou-se, e rumou para a África, e lá construiu uma obra que lhe imortalizará o nome, sem ser necessário qualquer monumento de bronze, porque é uma

obra de Amor, no mais alto sentido humano. Pois bem, a tese de formatura de Schweitzer, em 1913, quando recebeu o grau de *doutor* em medicina, teve por tema, exatamente, «o juízo psiquiátrico de Jesus». Teólogo e médico, Schweitzer resolveu estudar a personalidade cada vez mais extraordinária de Jesus sob o ponto de vista psiquiátrico, naturalmente para discutir as opiniões e críticas então correntes no domínio médico. Como se vê, tanto através da História, como da Medicina, como da Psicologia, em quase todos os ângulos da especulação e da crítica, a figura inconfundível de Jesus tem sido objeto de estudos e debates. Seja como fôr, o que está de pé, e ninguém conseguiu destruir, é o ponto fundamental da História: Jesus existiu, não foi inventado pelo misticismo, não é uma criação mitológica. O fato de um Autor ou grupo de críticos interpretar a História e, depois, chegar à conclusão de que Jesus não existiu ainda não é uma prova, é um modo de ver, uma posição.

Cada historiador ou crítico pode vêr a vida e a pessoa de Jesus a seu modo, de acôrdo com as suas tendências religiosas, filosóficas ou científicas. Isto, porém, não destroi a historicidade de Jesus, não dá autoridade para se dizer que Jesus nunca existiu. Guignebert, por exemplo, que é um dos maiores especialistas em História do Cristianismo, Professor da Sorbonne, embora não aceite a explicação chamada ortodoxa, também não aceita a opinião dos que consideram Jesus um *doente caracterizado*. No que se refere ao aspecto pròpriamente histórico da vida de Jesus, o Professor Guignebert faz *tábula rasa* de muita coisa que a tradição tem ensinado, isto é, deixa de lado, inteiramente, a explicação ortodoxa, que considera falha, e segue uma orientação diversa. Diz êle que a explicação tradicional e a representação ortodoxa das origens cristãs *não resistem a qualquer exame crítico* (3). Sejam quais forem as divergências de orientação na maneira de situar Jesus perante a História, o que se não pode negar é a autoridade incontestável de Guignebert em sua especialização. No entanto, mais adiante, quando entra na parte relativa ao lado psicológico de Jesus, Guignebert já faz algumas ressalvas muito prudentes e, por isso mesmo, não endossa o juízo crítico dos autores que pretendem enquadrar Jesus na

rubrica dos «casos patológicos». No entender de Guignebert, deve-se, até, renunciar à pretensão de considerar Jesus um doente caracterizado, porque se êle o foi, nada sabemos nem podemos saber. Temos aí uma das conclusões de Guignebert sôbre o problema psicológico de Jesus. Diz êle, ainda, que até mesmo a intensidade de sua vida religiosa, o poder que se lhe atribui, os dons que recebeu do céu, por exemplo, por mais interessantes que sejam aos olhos do psicólogo, ainda não são suficientes para *denunciar uma tara psico-fisiológica profunda*, desde que sejam levados em conta o tempo e o país em que Jesus viveu. Não tendo meios para analisar os «dons psíquicos» de Jesus, não é possível ao psicólogo penetrar no pensamento do Nazareno. Guignebert foi, portanto, muito cuidadoso ao tocar neste ponto.

Sempre houve, ontem como hoje, muita discussão a respeito de Jesus, mas o que é preciso accentuar é que a sua influência moral, apesar de todas as controvérsias humanas, continua a iluminar o caminho dos homens. Nenhum estudo crítico dos mais sérios até hoje conseguiu desfigurar-lhe a excelsitude através dos séculos. Os teólogos, em parte, são responsáveis pelas atitudes de alguns historiadores cultos e independentes em relação à história da vida de Jesus. A idéia de *sobrenatural*, acobertada com a legenda do *mistério*, sem discussão, sem respeito aos raciocínios da Ciência, concorreu muito para prejudicar a compreensão do Evangelho. Queixa-se o escritor católico Daniel Ropps do cepticismo de alguns escritores a respeito dos «milagres» de Jesus. Foi justamente o aspecto milagroso que levou alguns espíritos analíticos ao racionalismo, à descrença e, infelizmente, até à zombaria. De quem a culpa? Daqueles que, fugindo à discussão lógica e à interpretação científica, transformaram os fenômenos ocorridos com Jesus em objeto de fé, e não permitiram que alguém pelo menos tentasse discutí-los. Era sacrilégio pretender examinar a palavra da Igreja. Daí a *irreverência* de alguns críticos inconformados, principalmente, com a interpretação da Igreja Romana. Resultado: a ortodoxia dos teólogos levou muita gente ao agnosticismo e, ainda mais, **TRANSFORMOU CRENTES EM ATEUS**. Diz Ropps: *Os espíritos céticos adotam atitudes diversas, desde a recusa e zom-*

baria do racionalismo puro, até ao dogmatismo hesitante de Renan, que, admitindo a possibilidade do milagre em si, nega todo valor aos milagres do Evangelho. (4) Foi o dogmatismo católico a causa da rebeldia intelectual de Renan. Além de tudo, o grande escritor francês, que foi, sem a menor dúvida, um dos espíritos mais brilhantes de seu tempo, colocou a questão em termos diferentes: impugnou, como improvável, indemonstrável, a concepção sobrenatural dos «milagres». E não foi apenas Renan: Outros também o fizeram. O crime de alguns historiadores foi, apenas, o de terem colocado Jesus, com todo o esplendor de sua superioridade moral, no quadro das realidades humanas. Pelo fato de terem procurado *humanizar* Jesus, sem que, com isto, o tivessem rebaixado, os escritores chamados irreverentes são tidos como ímpios. A Igreja tem o caso de Loisy, que foi um de seus maiores exegetas, mas terminou desgarrando-se do rebanho católico justamente no momento em que desceu à crítica rigorosa dos ensinamentos evangélicos. Quem era o padre Alfred Loisy? Uma das maiores culturas religiosas da França. No entanto foi condenado pela própria Igreja, de que era luminar, principalmente em matéria exegética, por ter dado uma interpretação contrária à Igreja, na polêmica com o teólogo protestante Harnack.

Em 1902 o Padre Loisy publicou *O Evangelho e a Igreja*, livro que teve repercussão das mais rumorosas no meio católico e provocou verdadeiro escândalo entre altas figuras do Clero, na França. É interessante notar que o Padre Loisy, mais tarde expulso da Igreja, escrevera o seu famoso livro com um intuito completamente diferente: o que êle queria era defender a Igreja contra os argumentos de Harnack, mas a sua exegese foi tão profunda, tão rigorosa que contrariou os pontos de vista da própria Igreja. Os efeitos da obra foram, portanto, contrários à intenção. O grande teólogo pensou em fazer uma coisa e saiu outra... Logo no ano seguinte, o livro do padre Loisy foi condenado pelo Tribunal do Santo Ofício. No entanto é uma obra de crítica e análise, como tôdas as outras obras do mesmo autor. Acusou-se o padre Loisy de haver ferido a *autoridade histórica dos Evangelhos* e outros pontos sensíveis da Igreja. Por isso o livro

foi retirado imediatamente da circulação, por ordem eclesiástica, e o padre, apesar de ser considerado merecidamente um dos maiores exegetas de seu tempo, foi pôsto fora da igreja. Loisy escreveu nada menos de vinte e duas obras sôbre assuntos bíblicos e a Igreja, entre as quais *Jesus e a tradição evangélica*, *O Evangelho segundo Marcos*, *O Quarto Evangelho*, *Os Atos dos Apóstolos*, *O Apocalipse de João* etc. E' que Loisy distinguiu muito bem um "catolicismo oficial e convencional do Catolicismo universal, em harmonia com o espírito do Evangelho. Daí a reação. Embora justificando o culto e o ritual, que são instituições puramente humanas, pois Jesus não criou nem recomendou ritual de espécie alguma, Loisy não escapou à reprovação sumária da Igreja. *É verdade — dizia Loisy — que Jesus, no curso de seu ministério, não prescreveu a seus apóstolos, nem êle mesmo praticou qualquer regra de culto exterior que pudesse caracterizar o Evangelho como religião.* (5) Jesus não regulamentou o culto cristão. Explica Loisy: *E' que, no Evangelho, o Cristianismo ainda não era uma religião existente por si mesma.* Daí, com tais premissas, Loisy parte para conclusões que, embora tenham saído da bitola tradicional, nenhuma heresia apresentam, porque o seu objetivo era, ao contrário disto, defender o próprio culto católico. Apesar de tudo, Loisy não negou a existência de Jesus. Vou chegar, justamente agora, ao ponto inicial dêste artigo.

O que a maior parte da literatura de polêmica nos têm demonstrado é que as discussões religiosas se circunscrevem sempre à parte interpretativa e à exegese, mas o fato da existência real de Jesus continua a ser respeitado pelos historiadores e críticos mais pacientes e minuciosos. Permanece, assim, finalmente, a tese da historicidade da pessoa de Jesus, mesmo porque, se é difícil afirmar que Jesus não existiu, muito mais difícil seria apresentar documentos para provar que o meigo nazareno jamais existiu. Perante sensatos e eruditos estudiosos da História, a não existência de Jesus é uma proposição ridícula. Convém citar, por exemplo, a opinião de Henri Berr, prefaciador do livro de Guignebert: *Mas Jesus existiu; a tese da não historicidade é um paradoxo.* Para dizer quem é Henri Berr, basta lembrar que se trata do autor de

uma obra mundialmente consultada: *A Síntese em História*. Ninguém poderia incriminar Berr de suspeito.

O escritor William Colon, como já vimos, não admite a existência de Jesus, e por isso acha que Allan Kardec fez muito mal em adaptar as principais passagens evangélicas ao corpo da doutrina espírita. Se Jesus não existiu, tudo quanto se refere à moral cristã é falso, e não deve ser incorporado ao Espiritismo. Partindo daquela premissa, isto é, a de que Jesus não existiu, é natural que o escritor chegue a esta conclusão. Não entro, por enquanto, no mérito da proposição, mas observo, apenas, a forma do raciocínio. Resta saber, porém, se realmente a premissa é exata. Aí é que está o ponto nevrálgico da questão. Como pode o escritor provar que Jesus não existiu? Quais os argumentos favoráveis a êste ponto de vista? Digo que é um ponto de vista, porque o autor não apresenta propriamente uma tese, com todos os elementos necessários à convicção. Diz William Colon:

Senhores, o personagem da religião cristã a quem chamam «Jesus» nunca teve existência histórica. Foi invenção dos fundadores do Cristianismo, e qualquer pessoa que analise desapassionadamente os próprios Evangelhos, sem venda sôbre o entendimento, necessariamente terá que negar a autenticidade do referido personagem, pois verificará que, enquanto lhe atribuem uma ou outra frase muito bela, como «amai-vos uns aos outros», os mesmos Evangelhos, por outro lado, lhe atribui frases horrorosas e deshumanas... (Pag. 120)

Afinal, o Autor não citou sequer um argumento convincente, não saiu do campo restrito da interpretação pessoal. Isto não é uma tese. No trecho acima, o que se lê é apenas uma assertiva e uma dedução. Isto não basta para provar que Jesus não existiu. Vejamos o contexto. O Autor afirma que Jesus não teve existência histórica, mas uma afirmação não é elemento decisivo; em seguida invés de demonstrar o acêrto ou a procedência da afirmação, o escritor afirma simplesmente uma dedução pessoal, que pode ser aceita ou não, de acôrdo com as diversas maneiras de ver o problema. Quais são os elementos que William Colon apre-

senta para demonstrar que realmente Jesus não existiu? Nenhum elemento histórico, nenhum raciocínio crítico bem fundamentado. Todas as objeções de Colon à existência de Jesus decorrem simplesmente de suas idéias próprias, de sua maneira pessoal de interpretar o Evangelho. Sua ilação, portanto, é respeitável como opinião pessoal, mas é insustentável como tese, porque se ressentida da carência de argumentos. Acha o confrade Colon que o Evangelho é contraditório, e por isso mesmo, tira êle a conclusão de que Jesus não existiu. Quais são, afinal de conta, as contradições encontradas no Evangelho? Segundo a interpretação de Colon, o versículo 27, do cap. XIV, do Evangelho segundo Lucas, está em contradição com o versículo XXVI, do cap. XIV, do mesmo Evangelho, e também com o cap. X, do Evangelho segundo Mateus. Resumo: não é possível — na opinião de Colon — conciliar o «Amai-vos uns aos outros» com os versículos citados, porque Jesus prega o amor, através de uma frase muito bonita, e vai dizer, ao mesmo tempo, que *não veio trazer a paz, mas a espada*, e outras coisas aberrantes. Daí, então, sem descer à exegese das sentenças evangélicas, o escritor conclui que Jesus não existiu e que, sendo assim, o Espiritismo precisa extirpar de sua doutrina tudo quanto fale em Cristianismo!...

Quem estuda o Evangelho segundo o Espiritismo sabe muito bem qual é o sentido daquelas sentenças. Não há contradição alguma entre o mandamento que ensina o Amor e o Perdão e a advertência de que Jesus não veio trazer a paz, mas a espada. Sim, a espada, que simboliza luta, porque a doutrina de Jesus veio provocar, como se sabe, as maiores reações, a começar no próprio seio da família. E não é luta, não é separação? Jesus sabia quais as consequências de sua doutrina, e por isso preveniu logo que haveria fortes dissensões na sociedade de seu tempo, como acontece, aliás, com todas as idéias novas ou renovadoras. Não vejo aberração alguma. Jesus não pregou o desprezo aos pais, como entende o confrade Colon, mas ensinou, antes pelo contrário, o respeito paternal, quando recomendou honrar pai e mãe. As traduções, nem sempre fiéis, desfiguram muito o pensamento dos ensinamentos evangélicos. No cap. XIX, citado pelo escritor, Jesus fala em termos gerais, fazendo sentir que, para seguir o Evan-

gelho, é necessário renunciar aos interesses mais caros, mais afetivos. Não se pode, sensatamente, tomar ao pé da letra, o ensino contido nas expressões *aborrecer pai, mãe e filho, etc.* porque isto seria a negação do pensamento de Jesus, e muito menos admitir que Jesus fôsse capaz de assistir, friamente, ao degolamento de seus inimigos... (6) Vê-se, sem sombra de dúvida, que a interpretação de Colon está muito **FORÇADA**. Sob o aspecto lógico, o ponto de vista de Colon também padece de palmar inconsistência. Vejamos.

Ainda que nas palavras de Jesus haja contradições ou incoerências, como admite William Colon, isto não seria argumento contra a existência real do nazareno. Se fôssemos adotar êste critério, teríamos de negar a existência de muitas figuras históricas, pois é bem raro encontrar-se um homem de notoriedade, seja na política, seja na religião, seja no alto domínio das especulações transcendentais, que não tenha as suas contradições, ora nêste, ora naquêle ponto. E' uma contingência da própria imperfeição humana. Platão, por exemplo, «o sublime Platão», uma das maiores glórias do pensamento universal, imaginou um sistema político em que tudo, até mesmo a própria família, deveria ficar sob a direção do Estado. Isto, por outras palavras, significa admitir o absolutismo do Estado. E' uma contradição, não há dúvida alguma, tendo-se em vista a lucidês espiritual do grande filósofo, discípulo de Sócrates. Para nós, do século XX, educados sob a influência liberal, aquilo é um ponto contraditório no pensamento de Platão. Não se pode, todavia, compreender a concepção política de Platão sem levar em conta o meio e a época em que viveu. Seria lógico negar a existência de Platão, dizer que o grande vulto da filosofia grega é um *mito*, sómente porque algumas de suas idéias nos parecem, hoje, contraditórias?

Nêste caso, ainda pelo mesmo critério, poder-se-ia negar, também, a existência histórica do Papa Pio V, porque, no século XVI, **APROVOU** a matança dos Huguenotes na tragédia de S. Bartolomeu. Após a batalha, apesar do espantoso número de cadáveres, Pio V *experimentou grande alegria, rendendo a Deus vivas ações de graças*. Não é lenda, é fato histórico. E' uma contradição, e dolorosa contradição na vida de um Papa, porque

se trata do representante de uma religião que se inspira na fonte do amor e do perdão. Onde está o «Não matarás»?... Não è por êste motivo, entretanto, que se vai dizer que Pio V não existiu, é uma criação mitológica. A contradição é uma coisa, a existência histórica é outra.

Afirmar, finalmente, que Jesus não existiu, apenas porque algumas de suas sentenças *parecem* contraditórias, é fugir a todas as regras lógicas de argumentação. Ora, o confrade Colon tem liberdade para interpretar o Evangelho a seu modo, e ninguém lhe discutiria êsse direito, que é inerente à condição de todo homem livre; acontece, porém, que a sua interpretação traduz apenas o seu ponto de vista. Se, portanto, o confrade Colon, com as luzes de sua inteligência e com a inteireza de sua honestidade intelectual, julga que algumas passagens evangélicas estão eivadas de contradições e disparates, isto corresponde apenas ao seu modo de ver e de pensar. Os outros, porém, não pensam assim. Para o consenso dos espíritas, filiados à orientação de Allan Kardec, e não há motivo para se abandonar ou substituir a luminosa e segura rota do Codificador, o Evangelho é um código de moral inatacável, o melhor e mais certo caminho para fazer o homem feliz. O problema resume-se, portanto, nos seguintes pontos :

- a) — William Colon considera as palavras evangélicas, por êle anotadas, um absurdo, uma contradição inaceitável;
- b) — se há contradição, Jesus não é nem pode ser o que dizem os adeptos do Cristianismo;
- c) — se, portanto, não é possível admitir que Jesus, sendo o justo por excelência, haja dito tantas coisas revoltantes,

forçoso é concluir que *JESUS NÃO EXISTIU*, é uma *invenção* dos homens.

Tendo chegado a esta conclusão, que parte, como já vimos, de uma premissa insustentável, *acha* o confrade Colon que o Espiritismo deve desligar-se inteiramente da moral cristã. Dentro dêste raciocínio, que deriva de uma noção falsa a respeito do verdadeiro sentido de certos ensinamentos evangélicos, o confrade Colon faz crítica cerrada à maioria dos espíritas por aceitarem «os erros absurdos do Cristianismo»! Mas o escritor não prova os erros e absurdos aceitos pela maioria dos espíritas. Onde estão êles? Estão apenas no ponto de vista do escritor, que interpreta o Evangelho como entende e tira as conclusões que lhe *parecem* mais certas. O raciocínio de Colon está baseado apenas em suas inclinações pessoais e não em provas históricas. Em concordância com a sua orientação, entende o escritor que Allan Kardec, por sua vez, também caiu em contradição quando disse que «o Espiritismo vai ter ás bases de todas as religiões...» Veremos êste ponto no próximo artigo.

DEOLINDO AMORIM.

(Conclui no próximo número).

INDICAÇÃO BIBLIOGRÁFICA :

- (1) — D. F. Strauss — *A velha e a nova fé*.
- (2) — E. Renan — *Vida de Jesus— Os Evangelhos* (Consulta).
- (3) — Charles Guignebert — *Jesus* (Ed. Michel, Paris, 1947).
- (4) — D. Ropps — *Jesus en son temps* (Ed. Fayard, Paris).
- (5) — Loisy — *L'Évangile et l'Église* (5.^a ed. — Nourry Paris).
- (6) — *Novo Testamento*.

O Espiritismo não é doutrina passiva semelhante às religiões mundanas, mas sim doutrina ativa, de contínuo progresso, que reclama dos seus seguidores uma reforma ampla, estribada no fazer aos outros o que desejamos para nós. Por isso, os seus seguidores devem compreender que não podem ficar marcando passos, tanto mais que só o conhecimento desta doutrina impõe deveres inadiáveis aos que efetivamente querem ser cristãos.

CAIRBAR.

DEUS E UNIVERSO

HENRIQUE
RODRIGUES

— III —

Continuamos com o fator «involução», defendido pelo livro DEUS E UNIVERSO, em sua tese da «queda dos anjos» e «inferno eterno», antes de entrar nas minúcias de certas afirmativas do Prof. Ubaldi, neste último livro:

Demonstrando, logicamente, em concordância com Emmanuel no livro «O Consolador» e com Kardec, que «não é o homem que faz a História mas a História é que faz o homem», projetando este ou aquele espírito no cenário da luta evolutiva, quando a vida exige um elemento com estas ou aquelas características, entre outras coisas, diz A GRANDE SÍNTESE, na pag. 144:

«O homem, para sua salvação, é sempre «obrigado», dentro de um ritmo que, não sabendo compreender, denomina de «fatalidade». (*obrigado e fatalidade* aspeados pelo autor).

Se o homem para sua salvação é sempre «obrigado», como conciliar com essa afirmativa a possibilidade, mesmo teórica, do «inferno eterno»? Só se o autor, pretendendo maior autoridade para o «Deus e Universo» intenta derrogar o ensino anterior, pois não pode haver, sem malabarismos dialéticos, conciliação entre «salvação obrigatória» e «aniquilamento por subversão constante». Assim, é falso que o «sistema seja feito para ir até lá», ao aniquilamento, porque nenhuma força pode ser oposta à lei divina da evolução, constante e progressiva, contra a qual o «DEUS E UNIVERSO» se insurgiu, chocando-se contra a afirmativa da «GRANDE SÍNTESE», quando diz, na pag. 147:

«Assim, a lei de causalidade se manifesta regulando os efeitos das vossas ações e as encadeando todas na bem definida linha progressiva, a que chamais o vosso destino.»

Ainda aqui importa considerar: — Se o nosso destino está encadeado na bem definida linha progressiva, onde iremos encontrar uma bem definida linha regressiva? Quem tem razão? A GRANDE SÍNTESE ou o DEUS E UNIVERSO? — A favor da primeira, existe:

1.º — A concordância generaliza-

da de seus ensinamentos, aceitos sem discrepâncias.

2.º — Fonte extra-terrena, qual seja «SUA VOZ», inteligência superior ao Prof., coisa que ninguém contestará, nem êle.

3.º — Aceitação por vultos como Bozzano, Stoppoloni, Fermi e Emmanuel, sendo que este último compara A GRANDE SÍNTESE a um EVANGELHO DA CIÊNCIA. Reconhecendo a fonte superior que ditara ao Prof. tal obra, diz textualmente: «Aqui fala a «Sua Voz» divina e doce, austera e compassiva». Deixando bem clara a natureza extra-Ubaldi, mediúnica e superior, diz: «A palavra do Cristo projeta nesta hora as suas irradiações enérgicas e suaves, movimentando todo um exército poderoso de mensageiros seus, dentro da oficina da *evolução universal*.»

Não é possível que o DEUS E UNIVERSO, obra de um homem em estado de desequilíbrio orgânico *suplante ou complete*, como pretendem alguns, o trabalho de «SUA VOZ». Temos certeza de que os nomes que abonaram a GRANDE SÍNTESE, jamais abonarão o DEUS E UNIVERSO. Que os defensores desta última não pretendam passar àqueles, o atestado de incultos, imaturos e tolos.

Já mostramos, no artigo anterior, que o retrocesso involutivo nos levaria a aceitar o passo do orgânico para o inorgânico. Mas não somos nós que afirmamos, é a Grande Síntese, na pag. 193.

«Procuremos investigar na realidade dos fenômenos alguns efeitos desta íntima transformação de movimento, da qual se gera a vida e em que se manifesta o seu psiquismo: *transformação de química inorgânica em química orgânica*.»

Enquanto neste livro temos a explicação dêsse passo, o «DEUS E UNIVERSO» limita-se dogmáticamente, como no catolicismo, a dizer que a «involução persistirá até o aniquilamento», mas não demonstra cientificamente como se processa o caminho: ESPÍRITO — ENERGIA — MATÉRIA — MOVIMEN-

TO. Faço minhas estas palavras: «Vedes como nenhuma característica, mesmo a mais embrionária e longínqua, vem a ser destruída, e como, ao contrário, nela contém o germen dos maiores desenvolvimentos.» G. S. pág. 198.

Vamos escrevendo com as palavras de «SUA VOZ» para contestar as palavras de PIETRO UBALDI.

«A vida, desde a sua fase orgânica, que contém apenas os primeiros rudimentos daquele psiquismo (sua meta) que no homem assumirá o grau de autonomia, é dinamismo intenso, resultante de uma contínua e complexa composição e decomposição da matéria em combinações químicas labilíssimas».

Frente à «queda dos anjos», e ao que está acima, perguntamos aos entendidos:—Como se degradou êsse psiquismo da autonomia do homem para o rudimento da primitiva fase orgânica? De revolta em revolta? Mas o próprio Prof. aceitou a tese da G. S. de que a autonomia psíquica só é conseguida no homem. Sem autonomia, cessa qualquer possibilidade de revolta.

Muito poderia ser adicionado na Grande Síntese para demolir a «involução» a «queda dos anjos» e o «inferno eterno». Mas a coisa vai ficando longa e monótona. Caso seja necessário, voltaremos ao assunto. Pintando as magnificências com que o universo se revestiu para receber o primeiro gérmen da vida, no capítulo «Nas fontes da Vida», pág. 181 e 182. Diz acertadamente:

«A matéria tinha existido; a energia se movera, mas somente a vida saberia chorar ou gozar, odiar ou amar, escolher e compreender, compreender o universo e a Lei e pronunciar o nome do Pai: DEUS».

«A FUGA ELETRÔNICA DE UM RÁIO DE SOL TORNAR-SE-Á BELEZA E ALEGRIA, SENSAÇÃO E CONSCIÊNCIA».

Se a «beleza e alegria, sensação e consciência» atributos humanos, mais ainda, características do psiquismo que temos, se originou da «fuga eletrônica de um raio de sol», resta ao Prof. demonstrar como êsse raio de sol foi primitivamente *um anjo que caiu* e que agora retorna ao Criador. Outra coisa não sugere o Prof., ao dizer na pág. 188 do DEUS E UNIVERSO:

«O nosso universo físico não foi

uma criação, resultou de uma derrocada desta», (logo Deus foi imprevidente, pois não previu a derrocada). «Os espíritos puros eram outros tantos «eu sou» semelhantes ao tipo originário — Deus — isto é, individualizações pessoais, como é o próprio homem». (Deixa o Prof. transparecer que as individualizações eram iguais a Deus, mas não diz *semelhantes em que*). «O próprio homem atual esteve entre êles e, tendo uma personalidade própria, distinta, mostrá-nos o que significa personalidade». Assim, pois, se o homem atual esteve *entre êles*, os espíritos puros, e agora provém *da fuga eletrônica de um raio de sol*, forçoso é demonstrar como o *anjo caído se tornou raio de sol*.

Está certa a premissa «ou os espíritos eram sábios» (perfeitos) e então não podiam cair, porque sabiam as consequências, ou eram ignorante e, então, não podiam ser culpados da queda, nem por elas serem responsabilizados... ou Deus criou um espírito que sabia e que, por isso, não podia cair, ou o criou insciente e, então, não o podia punir? Quem diz isso? Eu?! Não, é o próprio Prof. no mesmo DEUS E UNIVERSO, pág. 197. Como procura fugir dêsse dilema? Simplóriamente assim:

«Igualmente *SE DIZ*: o mal existe de fato, como *fôrça inimiga de Deus*, etc... o Prof., tão sábio e tão profundo, não devia ater-se ao «disse-me-disse em relação ao mal».

Em inúmeras passagens das obras anteriores, e mesmo no DEUS E UNIVERSO, o Prof. nos ensina que o mal, elemento que também obedece ao relativismo, é um reflexo da ignorância, como a dor é a reação da lei violada. Uma vez que os anjos que decaíram e que continuaram puros, não eram iguais a Deus, uma vez que *havia zona ignota para êles* (pág. 198), eram ignorantes em relação a Deus, (pois bem e mal estão presos ao elemento de comparação e relação), mesmo os espíritos puros eram maus, no exato instante da sua geração. Outra coisa não disse o Cristo, ao esclarecer que «bom era o Pai que estava nos céus».

Não vou explanar a diferença que seria estabelecida entre os espíritos que permaneceram puros e os que decaíram, pois isso foi bem examinado pelo sr. Ed-

gard Armond, no «Semeador» n.º 149 de junho do corrente ano.

No próximo número vamos estudar as páginas 199 e 214, pois são ricas de absurdos e contradições.

Esclarecendo dúvidas

Estudamos os trabalhos de Luiz Caramaschi que patenteiam sua elevada cultura. É necessário entretanto, em assuntos do espírito, a linguagem simples do Cristo, para que a intimidação dos termos científicos não substitua a lógica da razão pura ou prática. Lembremo-nos de que a alta matemática está perdida no campo da metafísica, onde a prova é apenas o bom encadeamento dos fatores e de suas concordâncias. Assim, também, seu trabalho «Aspecto Científico e teológico do contínuo» está bem teorizado e, como teoria, estará em choque com outra qualquer «teorização teológica» que lhe observe o aspecto cinético. Frente ao ignoto, qualquer um pode estruturar uma tese, plantá-la sobre números para dar-lhe cunho de maior autoridade.

Não compreendemos porque o Luiz necessitou, em suas «Elucidações n.ºs. 1, 2, 3», de apoiar-se na Bíblia, onde superabundam as fantasias. É na Bíblia que vamos encontrar a «queda dos anjos», juntamente com a afirmativa «do arrependimento de Deus por ter feito o homem». Que Deus perfeito seria êsse que fez uma criação sujeita à possibilidade de falência e que se arrepende, posteriormente, de sua obra? Quem leu o livro «Da Bíblia aos nossos dias» de Mario Cavalcanti Mello, surpreende-se com a mixórdia bíblica.

Diz o Luiz, pag. 1, «Elucidações n.º 3»:

«A Concepção da queda dos anjos é bíblica, primeiro e cristã, depois». Isso não é verdade. Precisamente há 5.062 anos os brâmanes, **MUITO TEMPO ANTES DA BÍBLIA**, se gabam de possuir, por escrito, sua primeira lei sagrada, intitulada «Shasta». O «Shasta» contém cinco capítulos: — O primeiro «De Deus e seus atributos»; o segundo «Da criação dos anjos»; o terceiro «Da queda dos anjos»; o quarto «De seu castigo»; o quinto «De seu perdão e da criação do homem». Isso, muito antes de

Moisés, do Pentateuco que não foi escrito por êle, da Bíblia, de João e de Ubaldi. A lenda é, pois, muito antiga e antiguidade não lhe dá cunho de veracidade.

Outra coisa que desagrada a quem raciocina, é o exagerado apêlo rápido que fazem os místicos para fugirem a uma contradição. O estribilho é sempre um: «A palavra mata, pela impropriedade de termos analógicos». Verificamos, então, que o cidadão disse uma coisa, com palavras que não lhe tinham relação. E chovem as interpretações e retificações. Se a palavra não pode exprimir a visão do místico, é um contrassenso queixar-se de sua limitação. Vivam o fenômeno calados, já que não há meios de transmiti-los à compreensão de seus semelhantes.

Vejamos: Na «Elucidação n.º 1», segundo parágrafo, o amigo Caramaschi diz que «quando Ubaldi fala de Adão, não é do Adão que todos conhecem, mas de outro Adão». Mas, que outro é êsse? É conhecido por quem? Se não é o Adão Bíblico, para que entrar com o Adão no caso? Dissesse o *primeiro homem* e não haveria confusões. Não é possível, insistimos, que alguém compreenda o que êle quer dizer, usando nomes e palavras divorciadas de seu propósito. Assim é que, «argila da terra» deixa de ser argila, para ser outra coisa. Que importa o número e autor do «imprimatur»? O maior imprimatur é o da razão, da lógica no nível em que estamos. O caso toma aspecto mais sério porque pode abalar a exposição de Caramaschi, «Aspecto científico e teológico do contínuo». Ficaremos na dúvida se o autor quis dizer o que está lá ou se aquelas palavras querem dizer outra coisa.

A autoridade de Moisés — e não foi êle quem escreveu o Gênesis — coisa nitidamente arranjada por conveniência de uma época, a autoridade de João, que também não foi o autor do Evangelho que tem o seu nome, com sua máxima «no princípio era o verbo», de nada valem ante a autoridade da razão, que destrói semelhantes tolices. Era preferível que o autor do evangelho que tem o nome de João tivesse dito: «No princípio era Deus, e ninguém sabe como era». Em virtude da tendência em divinizar a Bíblia, vemos verdadeiros prodígios de interpretações, ora para dizer que o mais

é menos, ora para dizer que o menos é mais. E o critério para isso é a bitola de cada um.

Em «Elucidação n.º 2, pág. 2», escreve o prezado Luiz :

«*DEUS É TODOPODEROSO*». O Caos é todo falências e ruínas. Logo, a falência e a fraqueza *extremas* não vem do *TODOPODER*, *diretamente*, mas da fragmentação de uma parte dêste que ficou autônoma (liberdade), até para chegar a êsse extremo, se quisesse».

Se a *falência e a fraqueza extremas* não vem do *TODOPODER*, importa perguntar : — E as que não forem extremas, mas medianas? Vêm Dele? Para um monista, sob o regimem da Grande Síntese. *TUDO* promana de Deus, *DIRETAMENTE*. Assim, aquêlê «*não vem do TODOPODER diretamente*», importa num malabarismo da dialética expositiva e justificativa. Continuo achando que *CAOS, PRINCÍPIO, MAL, BEM, DOR, VERBO*, etc... são realidades momentâneas, oriundas de nossa necessidade de definir, para compreen-

der. Assim como Tempo e Espaço cessam com a evolução ou a *SITUAÇÃO*, assim também o homem um dia se dará conta de que «a queda dos anjos», «o inferno eterno», e a «involução» não passaram de maneiras de ver a *VIDA*, por êste ou aquêlê cidadão. em determinadas condições evolutivas.

Ainda na mesma página supra citada diz o amigo Caramaschi: «Deus e o caos são dois extremos absolutamente opostos. E a bôa lógica nos diz não haver extremos sem meios...» Não sei porque falar em Caos, pois a *GRANDE SÍNTESE* nos diz que tudo é ordem e ordem não é sinônimo de caos. Lembro, entretanto, que, também, é de bôa lógica que os *extremos se tocam*, e, assim, Deus e o tal Caos, se fossem extremos, não seriam opostos, mas contíguos.

Em todos os tempos a teologia sempre motivou polêmicas, e o fato mais uma vez se confirma.

Rua Quimberlita, 490 —
Belo Horizonte — Minas.

A Ciência impõe silêncio ao Materialismo



IODOS aquêlêes que se interessam pela parte científica da Doutrina Espírita, não podem prescindir do estudo do último reduto da matéria, o átomo.

Nós, que também procuramos estudar essa parte, tentaremos aqui, com alguma recapitulação do nosso trabalho anterior, esclarecer o que nos fôr possível, sôbre o assunto, evitando sempre as complexidades desnecessárias para quem principia.

Como já sabemos os átomos da natureza terrestre diferenciam-se numericamente em 92 na classificação da escala atômica, são êles que se unem pelas leis afins, formando as moléculas de todas as substâncias do nosso planeta. Êsses átomos, desde o mais simples, o Hidrogênio, até o mais complexo, o Urânio, possuem cada um deles um núcleo, onde se alojam os prótons, partículas de electricidade positiva, os quais, pelo seu número ali existente, caracterizam os elementos que se diferenciam na classifica-

ção atômica. Juntos a êsses prótons nucleares estão também os neutrons, partículas anelétricas, sendo que êstes concorrem para o aumento da massa do átomo. Girando ao redor de cada núcleo, análogos aos planêtas ao redor do Sol, estão os eléctrons, partículas de electricidade negativa, cujo número é sempre igual ao dos prótons no átomo normal.

Um átomo pode aumentar ou diminuir seus neutrons ou eléctrons, mas êle não perde a característica de elemento classificado na escala atômica, desde que o seu número de prótons permaneça sempre o mesmo. Caso o núcleo de um átomo seja alterado com diminuição ou aumento dos seus prótons, então haverá uma transformação de um elemento em outro.

Como vemos, as partículas fundamentais da estrutura atômica resumem-se sempre nos mesmos prótons, eléctrons e neutrons, para qualquer átomo em condições normais relativas.

Se cortarmos um átomo pelo meio, como se conseguiu com o Urânio, de

número atômico 92 (92 prótons), as suas duas partes resultarão em dois outros átomos diferentes, podendo êstes serem o Bário que ficou com 56 prótons nucleares, e o Criptônio com 36. Nestas reações, sempre uma mínima fração de matéria transforma-se em energia, com tremendo potencial. Foi assim, pela cisão do átomo do Urânio que se produziram as primeiras bombas atômicas, das quais duas causaram a triste destruição de Nagasaki e Hiroshima, fazendo cair um poderoso império em 48 horas.

Ao inverso dessas cisões atômicas, anuncia-se agora a fusão de 4 átomos de Hidrogênio, cuja soma resulta em um átomo de Hélio. Aqui então obtem-se a temerosa bomba H, para a qual o Urânio serve de espoleta.

Assim, compreendemos que os diferentes átomos que se transmutam por quaisquer dos processos conhecidos, são todos de estrutura edificada nas mesmas partículas, mas são sempre os prótons que os diferenciam na classificação periódica da escala atômica.

Nos laboratórios obtem-se transmutações de um elemento em outro, pelo bombardeio do núcleo atômico, mas os valores numéricos desses resultados não obedecem a vontade dos cientistas, isto é, não estão domesticados. O dia que êsses valores estiverem subjugados, então obteremos o ouro sintético, velho sonho dos antigos alquimistas.

Apesar desses tão poucos esclarecimentos, sobre um assunto tão complexo, parece-nos que serviu para compreendermos que o coração do último reduto da matéria, o átomo, já não cons-

titue um santuário indevassável para os nossos pesquisadores. Na área intratômica outras esquivas partículas (positron, neutrino e méson), (nesta última salientou-se para sua descoberta, o nosso patriótico Cezar Lattes), sofrem perseguição perseverante por parte dos cientistas, e elas já revelam algo sobre seus comportamentos. Nos laboratórios também já se consegue surpreender o momento em que partículas de matéria se aniquilam, transformando-se em energia e vice-versa.

Agora, os não Kardecistas poderão interrogar: Qual o valor para o Espiritualismo, êsses últimos sucessos da ciência?

Nós responderemos: O descortinamento dos mistérios intratômicos é a mais bela confirmação da existência de Deus.

Como?

Ora, uma vez que nêsse devassamento das partículas sub-atômicas da estrutura do átomo, nada se encontrou ali no seu interior que pudesse originar nossa vida inteligente, isto vem confirmar a existência de um agente fóra das fronteiras da matéria, animando o pó que edifica nosso corpo físico.

Sendo êsse agente o espírito, como provam os fenômenos do ectoplasma, por êle concebemos a existência de Deus.

Como vemos, hoje é a própria ciência que impõe silêncio ao Materialismo, demonstrando o que há de verdade dentro dos profundos abismos do seio do último reduto da matéria,

V. O. CASELLA.

Ser Cristão

Só é verdadeiramente cristão, aquele que abre seu coração aos sentimentos puríssimos da caridade; aquele que, no Templo imenso de Deus, que é a Natureza, rende o culto da admiração e do respeito, por quanto de belo e útil nele se aliam, para conforto da Humanidade.

Só é verdadeiramente cristão, o humilde, o fraterno, o tolerante, conforme pregou e exemplificou Jesus.

Infelizmente, porém, ainda hoje, não compreenderam os homens tais ensinamentos, por isso que, supondo homenagear a Jesus, ofertam-Lhe, com sacrifício próprio, e, mais ainda, de seu semelhante, suntuosidades que apenas podem agradar a vaidade dos que, ainda presos à matéria, desconhecem os esplendores que se alastram pelos confins do Infinito.

Busquemos agradar a Deus e a Jesus, ofertando à Humanidade um coração generoso. — ICLÉA.

Memórias de um Espírita Baiano

LEOPOLDO MACHADO

XVII CAPÍTULO

Entraves... mais Entraves...

1) No dia seguinte ao dia em que deixei o emprego, estava com uma banca de jogo de bicho, minha, à porta de casa, à Ladeira da Montanha, defendendo-me com a comissão que o jogo deixava, com os *descargos*.

2) Um carregador, dos que mais jogavam, já quasi na hora de encerrar-se o jogo, chegou esbaforido, para pôr um tostão na dezena 50. Já não havia tempo nem *poules*. Dá-me sua *poule* cheia já de dezenas e grupos. Eu ajeito D... 50, em cima, esprimidinho.

3) E deu 50. Um dia de *ronca* para a banca! Descarreguei tudo, menos o tostão dele. E não sobrou, naquele dia, dinheiro nenhum. Nem êle quis esperar. Saíu fazendo campanha contra minha banca, de cuja campanha resultou seu enfraquecimento, seu desaparecimento...

* * *

4) Antes de desaparecer minha pobre banca, apareceu-me, uma feita, um senhor, que eu o conhecia de vista. Pensei que fôsse fazer algum jogo.

Foi tirar informações minhas.

5) E' que, nas vespéras, numa festinha, uma jovem moreninha, a Maria das Dores, me interessara. Disse-me onde morava, Rua do Carmo, num terceiro andar. Eu lhe disse, também, minha residência, sem lhe dizer, entretanto, minha profissão, que não a tinha.

6) A' noite, como estava combinado, fui ao encontro marcado, à hora certa. E recebi, da janela do 3.º andar de sua casa, uma pancada de água de sabão, que molhou minha roupinha branca, nos ombros.

7) Compreendi tudo; ela soube que seu candidato não tinha profissão, era *bicheiro*. Isso não lhe interessou e inspirou-lhe um protesto a água suja.

* * *

8) O sr. Firmino de Brito não ficou zangado com meu pai, por me haver desligado do emprego que êle havia arranjado, e do convívio do sr. Carlos.

9) Apareceu, um dia, em casa. Exatamente, num dia de fogão apagado, de guarda-comida raspado, de despensa des-sortida, de estômagos vãos...

10) Conversou com meu pai, intimamente, por muito tempo. E tirou um maço de qualquer coisa do bolso, que lhe deu em reserva. Vi tudo a distância sem perceber bem de que se tratava.

11) Mas, na ausência do visitante, meu pai chama-me à parte e dá-me uma cédula de cinco mil réis para comprar viveres no armazem próximo.

12) Executei a ordem recebida, e trouxe do armazem coisas e alimentos que deram bem para passar-se o dia.

* * *

13) O sr. Souza era um quasi pregador Batista que foi a minha casa para me conhecer, admirado de que um rapazinho quasi analfabeto já tivesse lido toda a Bíblia.

14) Conheceu-me, porém, não teve boa impressão de mim, pois seu desejo era que todos da casa fossem protestantes, agarrados à letra da Bíblia.

15) Mas, deixou um benefício grande em casa: um remédio contra a embriaguez da velha Dadá.

16) A Dadá, com efeito, deixou de beber.

Mas, certa manhã, dias depois, aparecia morta, debaixo da escada, no vão em que dormia.

17) Grassava, então, a febre bubônica na cidade.

E a preta velha morreu sem assistência médica. Era fôrça correr à Saude Pública para o enterramento.

18) Foi o que fiz. Levado o caso ao conhecimento da *Saude Pública* ficou confirmado que se tratava, efetivamente, de peste bubônica.

19) Era preciso sair todo mundo, e vacuar a casa para a sua desinfecção geral, para seu expurgo completo.

20) Sair para onde?

A Odilia, para o hotel de companhia. E nós, e nossa familia, para outra casa de favor; para a casa de d. Joanninha, viuva e mãe de cinco filhos criados,

nossos conhecidos de Plataforma, que moravam à Rua do Bangala.

* * *

21) Há uma revista que insere, a miude, umas páginas assinadas sobre *O meu tipo inesquecível*.

O filho mais velho de d. Joaninha, se não foi *meu tipo inesquecível*, foi o tipo mais original que até hoje já conheci.

22) Foi, até, meu professor em Plataforma.

Era alfaiate sem gosto, sem agilidade, sem arte.

E tocava mal trombone, na Filarmonica S. Braz.

Não trabalhava na fábrica. Era dos irmãos, o que menos produzia, o mais bem tratado e levado a sério, pela mãe, pelos irmãos. Esperdiçado, ademais.

Tinha horror ao trabalho.

Não fazia vida de sociedade, não saía de casa.

Vivia, indolentemente, de dois sonhos: encontrar uma viuva rica para casar-se. E entrar para a Marinha. Ser oficial de marinha, andar todo o Brasil e meio mundo...

Mas, não fazia nenhuma força para encontrar a viuva rica, não procurava se preparar para a Escola de Guerra.

Levava o dia inteiro em casa, deitado em bancos duros, a fazer castelos, a dar opinião sempre contrárias dos atos dos irmãos, a sonhar acordado.

E viu, assim, escoar-se uma existência que podia ser tão útil a si próprio, a sua família, aos seus...

Dir-se-ia que, em vidas já vividas, fôra um grande senhor, gozando de coisas boas e belas, sempre servido a tempo e à hora, por servos devotados e servís.

E sua mãe e irmãos talvez fossem os que mais se aproveitaram de sua vida faustosa, de seus tempos, de luxo, de preguiça, de desperdícios em outras vidas já vividas.

23) Seus dois irmãos passaram de operários músicos a músicos militares, da polícia.

O Genesio, muito engraçado, era um espírito feliz.

Rir, fazer rir, inventar pilhérias, trejeitos e atitudes que fizessem rir, era o seu fraco.

Dir-se-ia que fôra na ultima existência, um palhaço de circo. E conformado, porque, para êle, tudo estava bom...

24) O outro, o Joãozinho, fôra meu grande amigo.

Era também um espírito alegre.

Gostava de arrotar e dizer, nos arrotos, um palavrão.

Sempre o advertia, dizendo: — «Você ainda se arrependerá, por haver dito um palavrão dêsses em lugar inconveniente. Olhe que o bábito...»

Sucedeu, efetivamente, como eu previra. E à mesa de sua casa à presença da mãe, das irmãs...

Foi quem me ensinou música; artinha, solfejo, instrumento de sopro, trompa.

No fim deu para embriagar-se.

Quando fomos seus hospedes, raro o dia em que não chegava em casa embriagado.

Eu tinha muita pena dele.

Parece que havíamos sido parentes muito intimo em outras vidas.

25) As duas moças, a Maria e a Donana, muito beatas e muito honestas e trabalhadeiras, nunca acharam um noivo, um marido, embora o casamento fôsse o sonho de ouro de cada uma...

* * *

26) Aboletamo-nos, — todos nós — na casa da Rua do Bangala. Casa com dois quartos pequenos, uma sala de frente e outra de jantar, exíguas. Quintal baixo, a que se ia por uma escada de cimento sem amparo. Casa que mal dava para as sete pessoas que lá moravam. Não podia, certo, receber mais ninguém. Contudo recebia mais cinco pessoas inesperadamente...

27) Apareceu um *frege-moscas* — botequim-restaurante de última classe — à venda, à *Ladeira da Praça*. Conseguí comprá-lo quasi fiado. E pús-me ao trabalho.

28) Pús um cosinheiro, o *Bôião*, fiado em quem realizei o negócio. Eu servia os freguezes. Dono e *garçon*, a despeito do José que havia deixado Mar Grande e de meu pai me auxiliarem...

29) Entre os freguezes, salientaram-se dois, o Laudemiro e o Abilio, cabo de Polícia. Aquele, vendedor de praça, mecido a letrado. Este, analfabeto: Só estes dois levavam fiado algumas refeições.

30) Mas, o Laudemiro, muito especial para comer, ainda pagava. O Abilio, não.

31) Foi preciso que eu apresentasse queixa dele ao Quartel, ao sargento Antão, que fez descontar sua divida de seu salário. Perdi, assim, o freguês e ganhei

uma ameaça de vingança que nunca se cumpriu.

32) Para distribuir refeições aos freguêses, — prato a cruzado e meio, prato a dois tostões — precisava fazer uma ginástica doida. Precisava comprar nos açougues, *carne virada*, (a que passava do meio dia sem ser vendida) jabá e bacalhaus de contra-pesos, gêneros em meia deteriorização, etc., etc.

* * *

33) A varíola apareceu na cidade, à cauda da peste bubônica. Até se instalaram hospitais de variolosos de emergência. Chegou, também, à rua do Bangala.

34) E fomos nós três — eu e meus dois irmãos — os primeiros surpreendidos pela varíola. Fomos tratados na sala de visita, os três numa esteira, com remédios caseiros.

35) E tratados em silêncio, com medo dos vizinhos, com medo de que êles levassem nosso caso ao conhecimento da Saúde Pública. Tanto mais, vendo o carro dos variolosos apanhar um vizinho nosso.

36) Uma situação dolorosa, a nossa, em casa de favor, mal alojados e mal alimentados, com uma doença epidêmica, sem recursos, encomodando, de várias formas, pessoas amigas, pobres como nós...

Meu pai substituiu-me nos serviços do *frege-moscas*. E minha mãe já estava em estado interessante, depois de mais de quinze anos... Mesmo assim, foi de uma dedicação extraordinária, no trato dos três variolosos.

37) Quando me restabeleci, tive que fechar o botequim. Meu pai, por falta de tato comercial, havia vendido tudo fiado. E estava o negócio com dívidas insalváveis.

38) E meu irmão mais velho perdera seu empreguinho de agente de hospedes.

* * *

39) D. Joanhina começara a achar ruim, e com razão, a nossa estadia em sua casa. Tanto mais, levando em conta o estado interessante de minha mãe. «Ela não pode, de modo nenhum, adoecer nesta casa, que isto não é casa que se more», dizia a miude.

40) Sua opinião contrária a nossa permanência em sua casa aumentou muito depois de uma queda, que minha mãe levou, descendo a escada do fundo, levando molambos com que enxugava o pús de nossas pústulas variolosas...

* * *

41) Mal pude sair, marcado de varíola — e das pústulas, a que me saíu no rosto era a mais feia e mais funda — arranjei facilmente um emprego de *garçon*, exatamente no mesmo Hotel Central, que meu irmão João, havia deixado.

42) Logo no primeiro sábado, à noite, era para lavar-se o salão. Fui o primeiro a descalçar os sapatos, atirar baldes de água ao ladrilho e esfregá-lo a vassoura de piassava.

43) Aquilo estimulou os outros empregados, ficando o salão do hotel lavado em poucos instantes.

44) Essas atitudes minhas, de disposição para o trabalho e de boa vontade, valeram-me alta consideração no espírito do português, dono do hotel. Assim, à força da capacidade de trabalho e de espírito de ordem, em pouco tempo, eu era gerente do hotel.

45) Mas, já havia, a essa altura, conseguido, uma casinha à Rua das Palmeiras no bairro de Tororó, de trinta mil réis por mês. Aluguei-a, pagando adiantadamente dois meses. Passou-se a família para lá, e ficamos todos gratos à boa gente que nos suportara por tanto tempo!

46) Com êsse ato, passava, naturalmente, embora sendo o mais moço dos três irmãos, à chefia da família.

O espírita tem o dever de colocar-se muito acima das paixões e conveniências humanas, trabalhando com todas as forças da sua inteligência para construir um mundo novo alicerçado nos preceitos evangélicos. Se não fizer assim não pode afirmar-se espírita e nem participar da Falange dos Espíritos Superiores incumbidos de dirigir a espiritualização da humanidade. Aceitai esta advertência, afim de melhor vos orientardes no trabalho espiritual. — CAIRBAR.

Espiritismo: Doutrina Coletiva dos Espíritos

1.º) — Cada ciclo evolutivo da humanidade culminou com a liderança de um povo, cuja civilização resumia todos os avanços materiais e espirituais conseguidos até a época. Atualmente há povos líderes, chamando-se «científica» a sua civilização. Nesta, a característica principal é o grande desenvolvimento da ciência, e da técnica por ela gerada. As condições de trabalho humano têm sido bastante amenizadas, e as relações dos povos, geograficamente distanciados uns dos outros, se estreitam o suficiente para sentirem a unidade de direção espiritual do globo terráqueo. As modificações produzidas na ordem social dos povos pelo avanço científico, foram muito profundas. Tem o homem de hoje uma concepção de seu lugar no universo inteiramente nova. Acabou por considerar inócuos e antropomorfismo e o conseqüente geocentrismo do universo.

2.º) — As atuais perquirições cósmicas deslumbram os homens, mas não lhes satisfazem as necessidades íntimas de integração com o todo universal. Esbarram sempre com os limites próprios do espírito em evolução progressiva. Os conhecimentos parciais que adquirem levam-nos a erros de interpretação, sendo o materialismo o mais evidente dêles. Com os elementos intelectuais de que dispõem, atravancam as cátedras com problemas insolúveis pelos métodos de verificação que usam, criam obstáculos ao livre curso da fé nas escolas, combatem as crenças sem selecioná-las com o critério de busca imparcial da verdade, contribuem para a degradação social, por causa do uso indêbito dos meios poderosos de domínio do ambiente físico, e se angustiam na perspectiva do nada. Como as civilizações se sucedem umas às outras, a científica será substituída por aquela em que a ciência e a virtude estejam equilibradas, a civilização espiritual.

3.º) — O Espiritismo é a doutrina do momento, e «tem por princípio as relações do mundo material com os Espíritos ou seres do mundo invisível» (1). Por seu carácter sintético, propõe-se resolver todos os problemas humanos, integrando os homens em um universo absolutamente lógico. É resultante do trabalho con-

jugado de imensa falange de espíritos esclarecidos e prepostos de Jesus Cristo. Como doutrina coletiva, tem a seu favor a impossibilidade de erros, pois as qualidades morais dos seus construtores se somam às intelectuais, numa harmonia perfeita, tendo por fulcro o Mestre dos mestres.

4.º) — Psicologicamente, o homem da civilização científica se assemelha àquele que se encontra nas bordas da noite, querendo surpreender o dia em sua clareza nascente. Vive em um mundo convulso, sentindo sob os pés o terreno movediço, mas pressentindo nas alturas o novo meio a que se deve destinar. Criado em ambiente de transição, onde o novo se prepara para a substituição do velho, que já terminou sua tarefa humana, sente dificuldade em apreender o sentido integral da novidade que se apresenta. As manifestações organizadas e constantes dos espíritos na face do planêta o assustam, por lhe mostrarem a insuficiência de seus métodos de pesquisas, que são, por sua vez, os remanescentes de uma seleção mais antiga e também muito importante. Mas não percebe o fato de que as concepções devem ser substituídas e não anuladas.

5.º) — Não podendo o espírito superar-se em prazos muito curtos de experiências, para as substituições necessárias determinou o Mestre um método administrativo de resultados absolutamente positivos. Se as questões sociológicas nos parecem em extremo complicadas, as questões de administração espiritual o são muito mais ainda. Após o máximo conseguido pelos espíritos de uma geração, ela se substitui por outra constituída de elementos mais bem preparados a retomarem o trabalho iniciado por aquêles, que no seu próximo retôrno à carne encontrarão mais amplas possibilidades de evoluírem. «A Terra, dissemo-lo, não será transformada por um cataclismo que aniquile de súbito uma geração. A atual desaparecerá gradualmente e a nova lhe sucederá do mesmo modo, sem que haja mudança na ordem natural das coisas. Tudo, pois, exteriormente, se passará como de costume, com uma única diferença, embora capital: a de que uma parte dos

Espíritos que nela encarnavam não mais encarnarão. Em cada criança que nasça, em lugar de um Espírito atrasado e propenso ao mal, encarnará um Espírito mais adiantado e propenso ao bem. Trata-se, portanto, muito menos de uma nova geração corporal, do que de uma geração de Espíritos» (2).

6.º) — Com êsse plano, é natural que se mesquem espíritos pertencentes a duas gerações limites, responsáveis pelas grandes modificações da vida no planêta. Psicologicamente são de tipos diversos; uns se apegam ao sentido renovador a que deram início, sem desejarem mudá-lo, porque têm uma intuição de que vieram à terra para isso e se julgam insuperáveis. Os outros aproveitam-se do início renovador das coisas, devido aos antecedentes, e criam novas condições para o futuro. Gera-se aí um antagonismo necessário. O novo precisa fixar-se sobre as colunas erguidas pelo velho. Todos os assuntos relacionados com o caso devem ser verificados, para que se faça a seleção do desnecessário e prejudicial. Com receio de que o novo seja um desvio do que defendem, os detentores dos primeiros processos revolucionários lutam e querem evitar as modificações, que se apresentam como o prosseguimento do esforço que dispenderam nas suas realizações. O novo ideal que deseja impor-se deve sofrer duros embates, pois os espíritos que o propõem e defendem precisam por à prova, nas asperezas da luta, seus valores espirituais.

7.º) — Depois das grandes realizações iniciais da ciência e da técnica, que deram um sentido novo à própria filosofia, ergue-se o Espiritismo, superando tudo o mais. Como doutrina sintética e coletiva dos Espíritos, procura submeter-se a todas as verificações possíveis, por parte dos encarnados, demonstrando a sua excelência como meio seguro e superior de libertação do homem do jugo pesado da matéria e de aproximação de Jesus Cristo. Sente, por isso, uma absoluta necessidade de serem os seus princípios bem analisados. Aquí determina-se a posição social dos espíritas na demonstração, teórica e sobretudo prática, da doutrina que esposam, de tal maneira que todos vejam nela a verdade renovadora em meridiana claridade. Todas as críticas, desfavoráveis ou não, dirigidas aos princípios espíritas, devem ser recebidas como oportunidades

de propaganda doutrinária. Das atitudes doutrinárias mais ou menos corretas dos espíritas dependerá a expansão mais ou menos rápida da Doutrina Salvadora.

8.º) — Grande parte da humanidade sofre as conseqüências de uma fé dogmática e de um materialismo degenerador. Os sofrimentos daí gerados são terríveis, pois o Espírito não se aniquila, e a lei de evolução que preside à sua elevação para Deus não se anulará diante das simples afirmações acadêmicas ou clericais. Mas, consoante o plano de Jesus Cristo, surge uma fé nova, racional, baseada na pesquisa objetiva dos fatos psicofísicos. Sente o homem não lhe bastar um conhecimento parcial do cosmos. Quando, incrédulo, desesperado na dor, submeter a fé espírita à sua análise, modificará suas concepções de acôrdo com a exposição do assunto, ao seu raciocínio. A fé que o espírita tem, origina-se do conhecimento global das coisas. «A fé raciocinada, por se apoiar nos fatos e na lógica, nenhuma obscuridade deixa. A criatura então crê, porque tem certeza e ninguém tem certeza senão porque compreendeu» (3). Está na fé, o ponto de apôio para todas as realizações humanas; sem ela nada tem valor ou se apresenta como necessário. Sem ela o grande anseio de sobrevivência anelado pela criatura perde sua perspectiva. Das exposições claras dos fenômenos do universo físico, passa o Espiritismo à fé que salva e enobrece, que sustenta e consola infinitamente. E, acima de tudo, revela a grandeza de Jesus, o Mestre para todos os séculos.

Concluindo: No período científico por que passa a humanidade, as gâmas de espíritos encarnados reúnem-se em dois grandes grupos: a dos que praticam a mediunidade, principalmente os espíritas; e a dos que não aceitam as práticas mediúnicas. Em todos os povos, desde os mais selvagens aos mais cultos, onde tem curso a mediunidade, as indagações são de ordem total, pois os conhecimentos parciais do universo são insuficientes para a satisfação dos anseios reais das almas encarnadas. A psicologia dos homens das nações civilizadas é a dos cétricos indagadores de fenômenos, desprovidos de fé nas finalidades últimas dos seres, prisioneiros dos círculos mesquinhos da matéria. O Espiritismo é uma doutrina coletiva dos Espíritos, que se propõe modificar as concepções de todos os homens de

boa vontade, razão pela qual submete seus princípios a todas as análises possíveis, fornecendo um quadro absolutamente lógico do universo psíco-físico, base de uma fé raciocinada. Reconhecido que seja o mundo espiritual e descobertas as leis que inter-relacionam os mundos espiritual e material, o foco de todas as indagações e fé passa a ser Jesus Cristo, cuja

doutrina libertará o homem no Infinito, pleno de sabedoria e de virtude.

Prof. CARLOS PEPPE.

(1) «O Livro dos Espíritos» — Allan Kardec.

(2) «Obras Póstumas» — Allan Kardec.

(3) «O Evangelho Segundo o Espiritismo» — Allan Kardec.

LIVROS E AUTORES — LEOPOLDO MACHADO

OS ESPIRITUALISTAS PERANTE A PAZ E O MARXISMO ou A PERFECTIBILIDADE DO ESPÍRITO, PELO SOCIALISMO — de Eusíbio Lavigne — Editora Renovação, Niterói, 1955.

Eusíbio Lavigne, o prezadíssimo confrade marxista-espírita, que nos abriu seu lar hospitaleiro para hospedar-nos, quando passamos por Salvador, integrando a *Caravana da Fraternidade*; enviou-nos Eusíbio Lavigne seu volume de 280 páginas, feição modesta, mas bem impresso e papel muito bom, com esta dedicatória:

«Não fosse o poder da amizade sugestiva de Leopoldo Machado, e não teríamos elaborado este livro.

«A ele, pois, amigo de mais de trinta anos, o escritor provido de admirável fecundia, a serviço da causa espírita, as nossas homenagens».

O confrade ilustre e grande escritor elaborou, efetivamente, o livro empurrado por nós. E com a condição, ademais, de que acompanhariamos, passo a passo, seus argumentos, para a demonstração de que quem é espírita não precisa mais de doutrina nenhuma política e social para a solução de todos os seus problemas.

Fomos, entretanto, até o presente, impedido a isso. É que nosso estado de saúde, sempre periclitante...

Trocamos, primeiro, cartas amigas. As suas, nos entusiasmaram. Até passei a grandes amigos, como o Alberto Gonçalves de Barros, que as leu e as releu enlevado. As suas, mais substanciais, mais bem escritas. As nossas... No volume em questão, à pág. 57, aparece, apenas, a primeira.

Saindo, agora, seu livro, e nós,

pensando, ainda, como espírita sem desvio, de uma linha sequer, vamos tentar, apenas, aqui, as primeiras considerações em termos de suas considerações de marxista-espírita.

Lemos páginas de seu grande livro, até da tribuna do *C. E. Fé, Esperança e Caridade*, comentando-as, refutando-as, na compreensão de que o confrade ilustre coloca o Cristo e o Kardec, o Evangelho e o Espiritismo em plano inferior aos mestres do Comunismo e até ao próprio comunismo. Com efeito: sentimos que, se as razões apresentadas por ele procedem de Kart Max, de Engels e de outros figurões comunistas, não há autores espíritas nem o Kardec e o próprio Cristo; não há lógica no Cristianismo e no Espiritismo, não há conceitos e preceitos de outras cabeças que as excedam, que se lhes comparem. Com isso, aproveita-se da oportunidade para elaborar um verdadeiro compêndio de comunismo-espírita, naturalmente destinado aos espíritas comunistas, que os há, efetivamente, embora não saibamos como isso pode ser.

Não compreendemos como se pode ser cristão, espírita-cristão e comunista-ateu, como é o comunismo russo. Aquele comunismo do Cristo e de seus primeiros discípulos é, na verdade, coisa bem diferente. Esse comunismo, imposto, apenas, pelo sentimento, espontâneo e sem leis humanas, e sem ameaças de guerras, e sem morticínios, e sem desejo político de alterar a feição do mundo a ferro e fogo; esse comunismo aceitamos perfeitamente. Assim, endoçamos o que escrevera eminente confrade a propósito, exatamente, do livro do querido Eusíbio: «Aceitamos pouco dele. Quem

já é espírita, já pode ir diretamente à fonte: o comunismo cristão. O comunismo russo é para os materialistas, embora esses professem qualquer crença religiosa, mundana. E' melhor ter as armas do amor, do que canhões, metralhadoras, bombas infernais, etc.»

Reconhecemos que, na hora que passa, só três poderes sacodem influentemente, o mundo ainda tão desespiritualizado: o Comunismo russo, o Catolicismo, embora já fora de sua época, o poderio norte-americano. O comunismo não cansa de atacar os dois outros. Principalmente, o poderio americano. Nós, entretanto, falando, sentindo e procedendo como americano, e professando uma Doutrina cujos primeiros fatos partiram da América, a liberal-democrática como os que mais o forem, a despeito dos erros pavorosos de nossa democracia, em que pese muita coisa errada da América do Norte, é óbvio que não podemos, nem devemos entoar lóas ao comunismo russo. São, pois, essas razões substanciais que vamos, embora sabendo que a Rússia, sempre apagada no concerto dos povos euro-asiáticos, que esperamos ajustar, acompanhando as razões do nosso prezadíssimo Eusinio Lavigne, se não nos faltar... a saúde e o tempo e dentro daquilo que combinarmos.

Não condicionamos, absolutamente, a felicidade humana à situação financeira. Nem sempre o estômago cheio, o corpo bem vestido, o lar confortável, oferecem segurança de felicidade à criatura. Por isso compreendemos, a nosso modo, o conceito do Cristo, falando a seus discípulos: «Não leveis nem ouro, nem prata nas bolsas; nem alfofes, nem duas túnicas». Ademais, «passarão o Céu e a Terra — é ainda do Cristo — mas as minhas palavras não passarão». Ora, passará a Doutrina de Engels, de Max, de Gorky, dos Stalins, enquanto a da Doutrina, a despeito de conspurcada, de

incompreendida, adulterada... Todos estão lembrados da obra do ódio dos próprios comunistas contra Trotsky, agora repetida contra Stálin... Será que isso não servirá para meditação e análise dos apaixonados da Santa Rússia?

Para fundamentação de sua tese, salienta o ilustre amigo que, «nem mesmo as pessoas estão livres de uma bomba de avião, estejam onde estiverem, ainda no meio tranquilo das caravanas da fraternidade...»

Numa humanidade desunida por credos religiosos, por doutrinas socialistas, por egoísmos de toda natureza, e trabalhada, ademais, por um comunismo sem Deus que deseja dominar a custa de todos os recursos... E não será isso, exatamente, porque a humanidade se alheiou demasiadamente, da Religião do Bem, pregada pelo Cristo? Ora, dentro dessa religião, as granadas de avião podem chover a vontade que não nos atingirão... se não formos lobos. E é voz do Cristo que em «armadilhas de lobos, só caem lobos».

Não vamos antecipar argumentos à alta argumentação do ilustre confrade. Argumentação tão alta que não sabemos se chegaremos a sua altura. Vamos escrever, entretanto, o que pensarmos, o que sentirmos, o que temos observado, até mesmo em obras de pensadores comunistas, sem Deus, sem pátria...

O livro de Eusinio Lavigne seria escrito por nós ambos. Foi o que combinamos. Entretanto, só apareceu, de nossa autoria, uma carta, à pág. 57. Consola-nos que, a despeito de tudo, o nosso volume está todo riscado e anotado à margem, tal é o nosso desejo, a nossa vontade de acompanhá-lo direitinho, comentando-o a nosso modo, à luz do Espiritismo.

Poderemos fazê-lo?

A saúde e o tempo é que falarão por nós.

NÓTULAS ESPIRITUALISTAS

Compete ao Espiritismo, pelo seu duplo caráter — científico e cristão — a gloriosa, redentora e humanitária missão, neste ciclo evolutivo, de combater a crise pavorosa de perversão moral que asfixia e desvaira esta Humanidade turbulenta e descrente, ligando, fraternal e cristãmente — Ciências, Religiões e Filosofias — num bloco solidário e progre-

sivo, animado dum mútuo auxílio e compreensão onde vibre, para todas as inteligências, para todos os corações, a trindade augusta e divina: — o Bem, o Belo, a Verdade — à luz cintilante do Espírito Universal, tendo por mediano o Evangelho de Jesus, o Cristo de Deus.

Dr. António J. Freire.

Aos Militares Espíritas

Mensagem transmitida pelo espírito-Capitão MAURICIO, chefe da Legião Tebana, martir entre 275 e 305 da Era Cristã, festejado em 22 de Setembro e atual Patrono da «Cruzada dos Militares Espíritas» do Brasil. Médiun receptor: Hercílio Maes — Curitiba.

Soldados do Cristo:

Rejubilai-vos pela graça Divina reinante em vossos corações ante a decisão definitiva de formardes o Exército do Senhor!

Não importa que a humanidade se espante porque vos alistais, humildes, sob a flâmula amorosa de Jesus, quando ainda sois cativos soldados do mundo de Cesar! Aceitai, pois, do Supremo Comando de Cristo, a mansuetude que vos servirá de poderosa estratégia na batalha das paixões humanas.

Preparai-vos, também, para sofrerdes a ironia, a maledicência e a incompreensão do mundo que não vos perdôa a fuga inspirada para o Reino de Cristo. Se não sofreis, hoje, como os santos cristãos as torturas sangrentas nos circos romanos e os estertores nas fogueiras ateadas pela perversidade do império cesariano, preparai-vos para o testemunho da suportação às inventivas da calúnia e da má fé.

Indago: Quantos vos compreenderão nessa intrepidez de transformardes os vossos símbolos de guerra em objetivos de PAZ E AMOR? Quantos poderão alcançar o sentido íntimo de vossa renúncia aos emblemas bélicos, em troca das insignias de submissão ao Cristo? Quantos compreenderão as vossas

recusas ao brilho efêmero do mundo terreno para confiardes na glória eterna da Paz Espiritual que é também a Paz Universal?

Arregimentai, pois, as vossas energias criadoras como Vanguardeiros da mais comovente peleja que há de se travar, em breve, no orbe terráqueo, onde a luz de Cristo espancará as trevas do ódio, da crueldade e do egoísmo humanos! Fustigai vossas paixões inferiores, libertando-vos dos grilhões da vaidade, do amôr-próprio e do orgulho! Combatei em vós os impulsos primitivos do homem-carne, sede as sentinelas atentas e eternas do homem-AMOR!

A Cruz Redentora que fulgurou nos estandartes de Constantino, protetor da Religião Cristã, há de imprimir em vossas almas o sêlo Divino do Sublime Pastor. Lançai-vos decididos à conquista dos corações adversários, aliando-vos incondicionalmente às hostes defensoras do Cristianismo! O júbilo e a esperança se fazem mais vivos no espaço quando os soldados belicosos da Terra trocam os símbolos de guerra pela mansuetude de Jesus!

Que o Marechal da Cruz, nosso Iluminado Mestre, nos inspire no Seu Amor!

MAURICIO — Cruzado do Senhor.

Crônica Estrangeira

Viagem Astral

«Two Worlds»

Uma das experiências «Fora do Corpo» relatada no novo livro, a «Mente na Vida e na Morte», da autoria de Geraldine Cummins é a de Mr. Wilmot, passageiro no «City de Limerick», em 1863. O navio estava sendo batido por tempe-

tade dez dias seguidos. Na noite do oitavo dia da tempestade, êle sonhou que viu sua mulher, que êle deixara nos Estados Unidos, vir à porta de sua cabine envolta em sua branca camisola; ela entrou, beijou-o e retirou-se em silêncio.

Um companheiro de cabine que ocupava o leito superior encarou-o suspeito quando êle acordou.

«O senhor é um vizinho feliz» dis-

se êle «receber desta maneira a visita de uma senhora». Êle observava, completamente acordado, cada detalhe da visita que Wilmot pensara ser sonho.

Quando Mr. Wilmot chegou ao lar, sua mulher lhe disse que estivera extremamente ansiosa a respeito dele e pelas quatro horas da madrugada pareceu-lhe que saíra a sua procura. «Atravessei o vasto e tempestuoso oceano, cheguei junto a um pequeno e preto navio a vapor cujo costado subi e, então desci à cabine e abeirei-me de sua cama».

Ela viu o outro passageiro e hesitou. Seu relato do que se seguiu era idêntico, em cada detalhe com o sonho e o que o outro passageiro havia visto.



Vê em sonho naufragar o marido que estava no «Andrea Doria»

Tinha-o «visto» no mar a pedir socorro —
A' tarde a mulher aflita recebia um cabograma do próprio marido

Genova, 3 — Um caso de telepatia, referente ao trágico naufrágio do «Andrea Doria» verificou-se com a senhora Ana Tamberi, esposa do camareiro de bordo, Pedro Tamberi, de 44 anos, a bordo do «Andrea Doria». Na quinta-feira de manhã, apenas levantada, a mulher narrava à sogra um sonho impressionante, que tivera durante a noite. Ela havia visto o marido no mar, a pedir socorro como se estivesse a afogar-se. Em sonho a mulher se lançara para o marido com uma corda longa e forte tentando salvá-lo. Depois o sonho terminara.

Despertando pouco depois e olhando o relógio, este marcava as 4,20. Oito minutos antes verificara-se o choque entre os dois vapores!

Ana Tamberi passou as primeiras horas da manhã presa de estranha agitação. Porém longe estava ela da idéia de ter «visto» qualquer coisa que realmente acontecera, e quando poucas horas depois, o rádio transmitia a notícia do naufrágio, a senhora Tamberi sentiu-se subjugada por grande desespero. Finalmente na tarde do mesmo dia chegava um cabograma do marido com a palavra: «Fique tranquila, estou salvo».

«Fanfula», 4/8/56.

Uma mulher assassinada volta em Espírito e denuncia o assassino

«Constancia» reproduziu de «Two Worlds»

E' esta a história de uma mulher assassinada que voltou em espírito porque desejava que se fizesse justiça e indicou o seu assassino.

Encontrando-se o Snr. C. A. R. Little, na Índia, agora em Onslow Gardens, Londres, percorria as ruas de uma pequena cidade em busca de uma casa. Encontrou uma muito agradável que lhe pareceu ideal para alojar a família, mas lhe disseram que estava *assombrada*. Várias famílias haviam na ocupado, nela permanecendo curto tempo e logo dela saíram porque sucediam coisas estranhas.

Um fantasma passa através da porta fechada

Foi procurar o último proprietário para pedir-lhe, antes de ocupar a casa, permitir-lhe nela permanecer durante uma ou duas semanas, com alguns amigos, para comprovar se havia algo de certo a respeito das estranhas histórias que contavam. O dono concordou.

Certa noite, o Sr. Little se instalou na casa, em companhia de dois amigos, com uma provisão de alimentos, bebidas e cigarros. Antes de acomodarem-se confortavelmente tiveram a precaução de fechar a porta de entrada, a chave, para evitar que alguém pudesse cometer uma velhacada.

Estavam fazendo um jogo de baralho, quando ouviram bater à porta: imediatamente sacaram as pistolas. Logo disseram «Passe adiante» e entrou uma mulher. Vendo a atitude inofensiva da mulher, guardaram as armas e ficaram a mirá-la mudos de espanto. «Estávamos fascinados» (espantados) e ninguém se moveu, disse o Sr. Little. A mulher atravessou a sala, foi até outra porta e lhes fez sinal para que a acompanhassem. Porém nenhum atendeu ao chamado acreditando ser coisa da própria fantasia. A mulher deixou a porta aberta e desapareceu. Depois de sua saída, os três homens revelaram suas impressões que coincidiram, todos haviam visto a mesma coisa. Então resolveram suprimir toda bebida, na noite seguinte. Ainda que pareça estranho, o

sucesso se repetiu na noite seguinte. Em meio à partida de baralho, sentiram chamar junto à porta e a mulher entrou. «Nunca vi uma expressão de maior tristeza em seu rosto», afirmou Little. Como na noite anterior, atravessou a casa e lhes fez sinal para que a seguissem. Dessa vez atenderam. Conduziu-os através da casa até o quarto de banho. Então lhes falou. Disse que havia morado ali com o marido, o qual a assassinara e a enterrara no canto do banheiro, que ela indicou. A crescentou que voltara para que lhe fizessem justiça e pediu uma sepultura condigna a seus restos mortais.

Deu um endereço na cidade de Bombaim onde podia ser encontrado o seu marido. A visitante se despediu e desapareceu.

Voltaram então à casa onde haviam estado jogando cartas momentos antes e discutiram sobre a estranha aparição. Ninguém pensou em dormir naquela noite e resolveram apresentar-se à polícia na manhã seguinte e relatar todo o sucedido. O oficial de polícia com quem falaram, imediatamente examinou seus registros e confessou que havia ouvido algo sobre os fenômenos de encantamento (assombração) mas não lhes dera maior importância.

Enviou um detective ao endereço recebido em Bombaim, e lá foi encontrado o homem. Este foi convidado a acompanhar o detective ao local para tratar de um assunto referente a uns prováveis compradores da casa.

O homem evita o quarto de banho

Chegados ao destino, o homem mostrou-lhes toda a casa, menos o banheiro. Então lhe perguntaram porque se recusava a mostrar essa dependência. Ele respondeu que era um quarto de banho, sem importância alguma. Foi conduzido ao banheiro, mas o homem se recusou a entrar. Pela força foi finalmente introduzido. Então o homem muito agitado, fez plena confissão do modo por que havia assassinado sua esposa. O cadáver foi encontrado no canto indicado e pouco depois lhe foi dado sepultura.

O homem foi julgado e condenado à força pelo assassinio de sua mulher.

A casa não voltou a dar sinais de encantamento. O Sr. Little nela não foi morar, porque sua mulher fôra tomada de espanto ao saber da história. Disse que não gostaria de viver com um fantasma.

De todo o modo, a casa imediatamente encontrou comprador.

ESPIRITISMO NO BRASIL

Conselho Federativo Nacional

Órgão da Federação Espírita Brasileira

Súmula da Ata da Reunião realizada em 4 de Agosto de 1956.

A' hora regimental, faz o Presidente do Conselho a prece inicial e declara abertos os trabalhos da reunião mensal ordinária do Conselho Federativo Nacional. E' lida e aprovada a Ata da reunião de Julho. No expediente são lidos: Carta de agradecimento da União Espírita Mineira, ao voto de congratulações e às referências elogiosas recebidas do Conselho, por ocasião da inauguração da nova sede da União e das solenidades comemorativas do dia d'«O Livro dos Espíritos»; Carta da Federação Espírita de Pernambuco reconduzindo, como seu Representante no Conselho, o Conselheiro Ge-

neral Severino Cunha, e noticiando a renovação da sua diretoria. Por solicitação do Conselheiro Dr. Miranda Ludolf, é justificada a ausência do Representante da Liga Espírita do Distrito Federal, Conselheiro Aurino Souto.

Comentários do Presidente — Fala o Presidente sobre o programa das comemorações do Primeiro Centenário da Codificação, em 1957, anunciando êxitos em todas as atividades programadas, e que, entre as medidas tomadas, uma visa levar a todos os países do mundo uma demonstração do entusiasmo e do amor dos Espíritos Brasileiros pelo Codificador do Espiritismo.

São Paulo — O Conselheiro Carlos Jordão discorre sobre as atividades da União das Sociedades Espíritas de S. Paulo, no sentido da unificação do Espiritismo, promovendo Semanas Espíritas, Congressos e constante propaganda, que têm sido

aceitas e mesmo apoiadas pelos poderes públicos. Comunica outrossim, a eleição da nova diretoria da USE.

Rio de Janeiro — O Representante, Conselheiro Major Luiz Gentil comunica que assistiu, em Julho último, à décima sétima semana espírita de Macaé e à primeira semana espírita de Campos, e que, em Setembro próximo, será realizada a quarta semana espírita de Niterói.

Pernambuco — O Representante, Conselheiro General Severino Cunha, noticia a adesão, à Federação Pernambucana, dos Centros: «Sociedade Espírita Allan Kardec» e «Centro Espírita Amor ao Progresso».

Ceará — O Representante, Conselheiro Henrique Magalhães, comunica ter a Assembléa Estadual do Ceará reconhecido como de utilidade pública a União Espírita Cearense.

Antes de encerrar a reunião, o Presidente manifesta sua satisfação pela conservação à frente da USE dos antigos trabalhadores da Entidade e faz comentários sobre assuntos referentes ao esforço dos espíritas, de todo o Brasil, pela unificação. Pelo Representante de Pernambuco é feita a prece final.

Lêr, o fenômeno do momento

Em vista do aumento da procura de livros espíritas e da nunca bastante louvada organização de serviços de vendas em todas as instituições espíritas a Federação Espírita Brasileira decidiu reeditar suas obras já esgotadas, especialmente as de André Luiz, devidas à notável mediunidade de Francisco Cândido Xavier.

Procurando ouvir o Dr. Wantuil de Freitas, Presidente da Federação, soubemos que já estão saindo ou a sair, «Nosso Lar», «Obreiros da Vida Eterna», «Entre o Céu e a Terra», «Libertação» e logo que possível, o fabuloso livro «Nos Domínios da Mediunidade», cuja edição, em língua alemã circulará por êstes dias naquele país. Também, dentro de pouco tempo, entrará em circulação mais um livro de Emmanuel — Fonte Viva — com

uma utilíssima novidade para os amantes de sua obra profundamente evangélica: — um índice por versículos e capítulos comentados, semelhante ao anexado à última edição de «O Evangelho Segundo o Espiritismo».

Outro livro a sair das oficinas da F. E. B. é «Memórias de um Suicida», recebido mediunicamente por D. Yvonne S. Pereira, alentado volume, no qual C. C. B. escreve notas do que se passou com êle e mais 8 ou 10 amigos, notas essas concatenadas por Leon Denis. Nêsse livro se encontra um capítulo dedicado à Academia de Esperanto, na cidade, Esperança, do Espaço.

Representantes

Comunicamos aos nossos prezados assinantes residentes em Pirassununga, que o nosso confrade Arlindo Pinto de Freitas foi nomeado nosso Representante nessa cidade, com autorização para receber, reformar e angariar assinaturas para «O Clarim» e «Revista Internacional do Espiritismo».

Comunicamos aos prezados confrades residentes em Paranavaí, Estado do Paraná, que o sr. Roberto Ortega Mora, foi nomeado nosso Representante nessa cidade, com autorização para receber, reformar e angariar assinaturas para «O Clarim» e «Revista Internacional do Espiritismo».

Campanha Pró-Máquina de «O Clarim»

Donativos ofertados até a presente data: Cr. \$ 168.041,00.

Deixamos de publicar a relação nominal dos contribuintes para esta tão oportuna e útil campanha, porque já o estamos fazendo em «O Clarim».

Agradecemos a todos o valioso concurso nesta tarefa comum de trabalhar pela difusão da Doutrina, almejando-lhes paz e saúde.

Não podemos crescer no conhecimento e na graça de Jesus, não praticando a Caridade, como Êle ensinou. — ANTENOR RAMOS.

Interpretação Sintética do Apocalipse

Avisamos aos interessados, que já saiu do prélo e está à venda, a 7.^a edição da obra do nosso querido companheiro Cairbar Schutel — «INTERPRETAÇÃO SINTÉTICA DO APOCALIPSE». Trata-se de um trabalho realmente substancial, claro, sucinto, oportuno, de fácil compreensão e de atualidade.

E' um dos trabalhos mais perfeitos no assunto de que trata, podendo-se afirmar que se S. João recebeu do Espírito de Jesus as revelações apocalípticas, — Cairbar Schutel recebeu a sua interpretação de um Espírito também superior. E' um livro do momento, porque as profecias apocalípticas estão em pleno desenvolvimento, possivelmente no meio do caminho.

— A' venda na Livraria «O Clarim».

Preço : cr.\$ 15,00, inclusive porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

O DIABO E A IGREJA

Em face do Cristianismo

Acaba de sair do prélo a 5.^a edição de «O Diabo e a Igreja em face do Cristianismo», da autoria do nosso querido companheiro Cairbar Schutel, que responde, ao pé da letra, ao livro do Revmo. Padre Bento Rodrigues e aos artigos de mosenhor Seckler contra o Espiritismo.

E' um livro de esclarecimento, que desperta em todos, a idéia, o raciocínio e o sentimento da Imortalidade, mostrando, com clareza e argumentos irretorquíveis, o sentido espiritual verdadeiro do Cristianismo, que vem sendo deturpado ou mal entendido pelas religiões mundanas. Da sua leitura há muito que aprender no campo da Verdade.

A' venda na Livraria «O Clarim». Preço : Cr. \$ 15,00, inclusive porte e registro.

O Espírito do Cristianismo

Eis aqui um grande livro que os estudiosos do Evangelho e da Doutrina Espírita não devem deixar de ler, afim de ficarem a par dos magnos problemas da vida do espírito pois, ao mesmo tempo que o seu autor, o nosso caro companheiro Cairbar Schutel, esmiuça diversas passagens evangélicas, apresenta testemunhos da Imortalidade da alma nos feitos e ensinamentos de Jesus.

«O Espírito do Cristianismo» é complemento de «Parábolas e Ensinos de Jesus», livro êste que vem iluminando as criaturas que desejam efetivamente estar com Deus em espírito. O estudo da obra em questão, constitui o verdadeiro alimento do espírito. E' encontrar luz e conforto nas atribulações da vida e construir uma escada em demanda do reino de Deus.

— A' venda na Livraria «O CLARIM».

Preço : Cr.\$ 75,00, inclusive porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: José da Costa Filho

Redator: A. Watson Campêlo

Redação e Administração
MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua *Crônica Estrangeira e E'cos e Notícias*, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

Ano	—	Assinatura simples	Cr.\$ 90,00
Semestre	—	„ „	50,00
Ano	—	Assinatura registrada	120,00
Semestre	—	„ „	65,00

NUMERO AVULSO CR. \$ 8,50

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

RUA FIGUEIRA DE MELO, 410 :—: Rio de Janeiro

